

## O PROCESSO DE REGÊNCIA EM UNIDADE ESCOLAR DO MUNICÍPIO DE CARPINA – PE, A PARTIR DO PROGRAMA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA<sup>1</sup>

Maria Eduarda Souza Ribeiro<sup>2</sup>

Silvyenne Marlys da Silva Vieira<sup>3</sup>

Taís Freitas de Souza<sup>4</sup>

Luciana Rachel Coutinho Parente<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente ensaio busca retratar a experiência do processo de regência realizado a partir do Programa de Residência Pedagógica em Geografia, da Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte, desde a implementação do Programa até a fase atual, que é de imersão na realidade escolar. Sendo assim, foi necessário a partir da análise do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, onde se põe todo relato teórico pela gestão escolar analisar e observar a verdadeira realidade do campo de estudo, desde o perfil dos alunos até a forma como se rege a unidade escolar. Nesta perspectiva realizamos pontuações dissertativas e críticas perante o cotidiano observado dos alunos, professores, gestão e funcionários em geral. Promovendo também os primeiros ensaios sobre as regências e projeto iniciados na terceira fase do Programa, neste momento desenvolvida com o 3º ano do Ensino Médio. Assim, apontamos em linhas gerais que é posto em principal debate a observação da turma durante as aulas, em seguimento a realização da regência escolar realizada pelas residentes, a fim de concluir prévios resultados sobre o que foi realizado e analisado até o momento no Programa. Desde as aulas sobre espaço urbano e rural, envolvendo o projeto de intervenção, industrialização, urbanização dentre outros. Resultando em contribuição para a formação dos residentes e incrementação do conhecimento dos educandos.

**Palavras-chave:** Programa de Residência Pedagógica, Regência, Escola, Geografia.

### INTRODUÇÃO

Em primeira instância, o trabalho se delinea partindo das observações e regências realizadas na escola, como parte do Programa de Residência Pedagógica, a fim de trazer

---

<sup>1</sup> Resultado do Programa de Residência Pedagógica em Geografia UPE – Campus Mata Norte. Financiamento – CAPES.

<sup>2</sup> Estudante do curso de Geografia da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte e Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES. E-mail: eduarda\_ribeiro40@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante do curso de Geografia da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte e Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES. E-mail: silvyennemarlys@hotmail.com

<sup>4</sup> Estudante do curso de Geografia da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte e Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da CAPES. E-mail: taisfreit98@gmail.com

<sup>5</sup> Professora Doutora do curso de Geografia da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte e Orientadora do Programa de Residência Pedagógica da CAPES. E-mail: luciana.coutinho@upe.br

discussões e análises de resultados das práticas ocorridas na etapa III do programa, que é a fase de imersão.

Nesta procedência, este seria o ponto crucial de um estágio, o olhar analítico que forma uma visão integrada à escola, capaz de buscar ousadia, criatividade e responsabilidade, para moldar ou ajudar em determinadas situações na educação, atrelada ao ramo social. Este é o papel de todo professor, desde o iniciante, até o mais experiente. Afinal, o primeiro e principal foco do docente é o aluno, e este último, precisa estar preparado e liberto no mundo que o rodeia, sendo crítico e participativo.

Nesta direção, vale esclarecer que o papel do residente não estaria apenas atrelado a necessidade de observar aulas e escrever relatórios, para cumprir com certas atribuições. Na verdade, a questão vai além disso, está ligada a precisão de se inserir no meio educacional, e começar a ser ativo neste, intervindo e influenciando no cotidiano das escolas propostas.

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade, e procurar soluções. Assim pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. [...]. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais. (FREIRE, 1979, p. 30 - 31)

Nesta contextualização da dimensão de ensino na Geografia, como uma ciência que busca formar cidadãos de opiniões influentes e transformantes em sociedade, é que a atividade de estágio se torna importante. Nesta procedência, não só para o discente universitário que vai exercê-la (ganhando experiência e conhecimento na área), mas também para o professor supervisor e os alunos participantes, que passarão a ter contato, com uma discussão extraclasse.

Dito isto, é necessário se remeter as regências ocorridas na escola-campo, em específico a uma atividade interventiva ocorrida no 3º ano do ensino médio, que abarcou conteúdo de dificuldade dos alunos em uma proposta dinamizada, e que funcionou como uma inovação atrativa junto a turma em questão. Justamente pelo fato de os alunos serem propostos, na atividade, a discutir o que compreenderam da mesma.

Assim, Oliveira (2006, p. 16) alerta que:

É interessante reconhecer que o estudo da Geografia deve ser consequente para os alunos, suas experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias são fundamentais para a aprendizagem.

Neste ponto, a união entre a orientadora, preceptora, corpo escolar e o(a) residente gera uma força motivadora em direção aos discentes presentes na concedente. Assim, surge a necessidade do planejamento. Pois, como afirma Menegolla; Sant'Anna (2001), o planejamento não deve ser visto como regulador das ações humanas, ou seja, um limitador das ações tanto pessoais como sociais, e sim deve ser visto e planejado no intuito de nortear o ser humano na busca da autonomia, na tomada de decisões, na resolução de problemas e principalmente na capacidade de escolher seus caminhos.

Neste aparato, a Geografia como uma ciência de visão ampla sobre o mundo, funciona como uma base para a incitação e aguçamento do pensar do aluno, e das discussões em classe, promovidas pelo professor, tratando uma integração de ambos os lados. Porém, neste ver, esta disciplina, pouco vem sendo usado para fins como este, é apenas tida como uma mera necessidade cotidiana e indiferente em importância, na precisão de se olhar o mundo de forma crítica e analítica.

Dessa forma, o Programa de Residência Pedagógica como uma “extensão” do estágio supervisionado, se torna essencial para a observação e até mesmo ação de instigação do trabalho professor-aluno. Nestas práticas então, em conjunto aos residentes decorrentes do mesmo campo de atuação, foi possível observar e fazer acontecer ações mútuas que colaboraram, para o mínimo de dinamização possível, e envolvimento dos alunos em classe, através das regências que vêm sendo realizadas junto aos alunos do 3º ano do ensino médio.

Neste aparato, o presente relato busca retratar as experiências vivenciadas desde o início da etapa III do programa até o momento. Tendo como base as aulas iniciadas no primeiro semestre do corrente ano, buscamos reproduzir aulas e engajar os alunos nos conteúdos acerca do espaço rural e urbano (enquanto proposta da BNCC para o semestre), destrinchando pautas como urbanização, reforma agrária, industrialização, dentre outros.

## **METODOLOGIA**

Os suprimentos metodológicos foram baseados no levantamento bibliográfico tanto para congruência deste relato, quanto para a elaboração do projeto aplicado a partir das diretrizes do Programa de Residência, obtendo reflexões acerca de Freire (1979); Menegolla e Sant'Anna (2001); Oliveira (2006) e dentre outros. Sendo assim, em meio a estas eminências, o processo de observação foi bastante utilizado desde o início do Programa, a fim de analisar e

poder adentrar com firmeza à realidade da escola, e então realizar as regências nas classes designadas.

Em procedência, durante as aulas em regência os métodos mais utilizados são os discursos didáticos, com recursos como o quadro e atividades no caderno ou material impresso. Partindo a realização das etapas iniciais do projeto, tem-se a apropriação do espaço da biblioteca como um meio de alertar os alunos a ideia de argumentar e criticar a realidade, a partir da discussão em oficinas realizadas em classe (3º ano) e produção de textos, com bibliografias advindas da biblioteca.

Assim, iniciando as regências com conteúdo atrelados ao processo de Urbanização do Brasil e Reforma Agrária, pudemos organizar materiais de estudos, material impresso ou atividades repassadas no quadro da classe, perpassando também pelo trabalho lúdico, como a organização de um globo com o recorte de cartolina, retratando a vivência no espaço urbano e rural, dando início assim a primeira etapa do projeto de intervenção, que daria na produção de textos para produzir uma cartilha final do projeto.

Diante das dificuldades apresentadas pelos alunos em compreender determinados conteúdos buscamos organizar essa atividade para integrá-los aos conteúdos, envolvendo por fim, uma atividade de revisão para o semestre, desenvolvida em folha de papel pautado com todos os conteúdos repassados, e com o findar da aula tratar a correção oral e discussão entre os alunos.

Ainda assim, enquanto parte do interesse que o professor deve ter com a formação do 3º ano do ensino médio, com o início do II bimestre buscamos aplicar um simulado para sondagem de conhecimento dos alunos, assim como, o início de conteúdos atrelados ao processo de Industrialização do Brasil, com textos, explicação de conteúdo e fixação de atividade para posteriores discussões com os alunos.

## **CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR**

Localizada na cidade de Carpina, Zona da Mata pernambucana. A escola, teve sua construção iniciada no governo de Roberto Magalhães e concluída no governo de Gustavo Krause. Pertence à rede pública estadual e está sob jurisdição da GRE Mata Norte, localizada em Nazaré da Mata. Teve seu decreto de funcionamento dia 20 de agosto de 1986 e inaugurada em fevereiro de 1987.

Atualmente, a escola conta com quatro banheiros, sendo dois para funcionários e dois para alunos, uma secretaria, uma diretoria, uma biblioteca, uma sala da coordenação, um laboratório de informática, uma sala de vídeo, uma sala dos professores, uma quadra de esportes e uma cantina, que também funciona como cozinha.

Dessas instalações existentes na escola, foi possível observar que a biblioteca fica fechada a maior parte do tempo, assim não tendo muita utilização. O laboratório de informática também não fica aberto, nem tem funcionalidade, segundo funcionários, o mesmo se encontra fechado por não ter uma pessoa capacitada para dar assistência aos alunos. A sala de vídeo também tem pouca funcionalidade. E a quadra de esportes se encontra em situação precária, a qual não tem piso adequado para a realização de esportes, nem tão pouco uma coberta, o que dificulta a funcionalidade da mesma.

É oferecido no período da manhã ensino fundamental II e Médio, à noite o ensino para jovens e adultos. No corpo docente da escola há 17 professores atuando. Assim como faz-se presente um diretor geral e um adjunto, um coordenador, um secretário, um bibliotecário, duas merendeiras, dois serventes e um porteiro.

Nesta conformidade, a escola está inserida em uma das áreas de maior criminalidade do município de Carpina. Sendo uma área de pobreza, habitada por moradores de baixo poder aquisitivo.

Assim, os dilemas da comunidade passam a ser refletidos na escola, enquanto reflexo do cenário social e educativo no Brasil. Deste modo, torna-se necessária a relação da escola com a família desses alunos. No entanto, grande parte das famílias são ausentes para com a escola, assim como, a parceria da escola com a comunidade também é difícil, visto que, já foi feito uma horta dentro da escola, próximo à quadra, mas precisou ser relocada, devido ao baixo interesse de parte da população local.

Portanto, buscamos trazer as experiências vivenciadas no 3º ano do ensino médio da escola, composta por alunos que moram na própria comunidade. É uma turma pequena, normalmente estão presentes em sala apenas 15 alunos. Alguns problemas são evidentes nesta turma, tais como a dispersão de alguns discentes nas aulas, ao utilizar aparelhos eletrônicos dentro de classe fora do contexto da aula. Assim, são situações que fazem parte das dinâmicas das aulas, sendo reflexo do atual mundo moderno onde a tecnologia domina.



## DINÂMICA DAS AULAS E PERSPECTIVA DE INICIATIVA DAS REGÊNCIAS

Vale indicar que a dinâmica das aulas as quais ministramos foram executadas conforme o planejamento da escola para o primeiro semestre. Aplicando conteúdos como industrialização brasileira, desigualdade social e reforma agrária, por exemplo. As aulas se apresentaram de forma dinâmica, em algumas utilizamos apenas fichas para auxiliar na explicação do conteúdo, em outras fizemos uso do quadro, tanto para apresentar o conteúdo como para aplicar exercícios de fixação, como demonstra a figura 1 na aula sobre Urbanização do Brasil.

**Figura 1:** Regência no 3º ano do ensino médio acerca do conteúdo de Urbanização do Brasil



**Fonte:** Autoras, 2019

Nesta perspectiva, buscamos abordar determinados conteúdos de forma dinâmica, como em uma aula onde a explicitação do conteúdo ocorreu oralmente, tratando aspectos que conceituam e interligam o espaço rural e urbano, no contraste da urbanização industrialização, revolução verde, movimentos sociais no campo e êxodo rural, findando com a aplicação de dinâmica de colagem em conjunto com os alunos, a fim de propor reflexões acerca das reproduções dos espaços (urbano e rural). Em proposição, utilizamos o lúdico para explicar o conteúdo.

Em sequência, a turma foi dividida em quatro grupos, em que disponibilizamos cartolinas e figuras relacionadas ao meio rural e urbano, e os alunos deveriam fazer a colagem na cartolina enquanto identificavam os problemas visíveis nas imagens. Ao final juntamos todas as partes da cartolina e os alunos deveriam expor aos colegas quais problemas foram

identificados. Com isso tornamos a aula dinâmica e os alunos passaram a interagir uns com os outros de maneira que ainda não havíamos visto antes, como ilustra a figura 2. O que nos fez pensar, em processo de avaliação, que o nosso objetivo havia sido alcançado naquele momento. Os alunos pareciam ter compreendido o conteúdo.

**Figura 2:** Aplicação de atividade sobre rural e urbano em regência no 3º ano do ensino médio



**Fonte:** Autoras, 2019

Como podemos observar na figura 2 os alunos participaram da dinâmica, expuseram os problemas encontrados por eles nas figuras, com a ajuda dos residentes e da professora preceptora.

Sendo assim, pudemos começar a observar a perspectiva de integração de parte dos alunos quando fogem do cotidiano de atividades de escrita e fala do professor, constante. A dinâmica aplicada, praticamente os inseriu na necessidade de dialogar entre si e discutir juntos sobre o que estava se passando, mesmo que com a ajuda da professora preceptora, conseguiram opinar sobre as temáticas do rural e urbano como não tinham feito em nenhuma aula anterior.

Ao final da aula, ainda levamos os mesmos a biblioteca com o objetivo de que analisassem os livros que foram separados para ajudar na produção da redação geográfica, para uma cartilha, que buscamos elaborar com autoria dos alunos relatando problemas sociais

próximos de suas realidades. Foi importante observar a dedicação de alguns alunos, que continuaram na hora do recreio analisando os livros e escrevendo.

Na aula seguinte, entregamos as provas bimestrais corrigidas aos alunos (que ocorreu na semana anterior), em que grande parte da turma não conseguiu alcançar a média. Vale lembrar que durante todas as aulas, deixamos sempre abertura para a participação dos educandos, para questionamentos - e discussão sobre o assunto, mas só alguns que se interessaram. Logo, através desse resultado das provas, pudemos refletir que o problema deles também é ainda a dificuldade de interpretação textual. Então, fizemos uma correção oralmente, lendo questão por questão junto com eles para esclarecer suas dúvidas.

Posteriormente, com a ajuda da professora preceptora, aplicamos um simulado de Geografia como preparatório para o vestibular, a fim de treinar e testar os alunos para as provas de acesso ao ensino superior. O resultado da maioria deles foi mediano. Foi surpreendente ao iniciarmos a correção e discussão da atividade, pois observamos a participação e instigação dos alunos em um dado momento (raro), na medida em que alertávamos os mesmos sobre o quanto é importante ler e responder questões de disciplinas para que possam evoluir seus conhecimentos e realizar as provas necessárias. Sendo assim, observando o estímulo tomado pelos discentes, decidimos que mais simulados seriam realizados no III bimestre e início do IV.

Em continuidade, demos início ao tema de industrialização apresentando seus variados tipos e sua classificação, também explicamos como era o mundo antes do processo de industrialização e seu surgimento em meados do século XVIII na Inglaterra, ensinando as fases da Revolução Industrial até chegar aos dias atuais. Foram elaboradas algumas questões sobre a temática e pusemos no quadro para responder.

É interessante frisar que as aulas cotidianas são, muitas vezes consideradas enfadonhas para os alunos e em certas situações há dificuldade dos residentes em resgatar a atenção dos discentes. E ainda há o fato de que a utilização do celular acontece com certa frequência durante as aulas, como também saem da sala sem permissão. Mas por outro lado, há também os grupos que se empenham em realizar as atividades propostas e tirar dúvidas durante as explicações.

Neste caminhar, também é interessante destacar a relação dos alunos com a professora, pois mesmo eles vivendo em áreas perigosas e em situações delicadas no meio social, existe uma relação de respeito, em que alguns alunos, contam os problemas que estão enfrentando em casa, por terem uma estrutura familiar com problemas.



Assim, fica a ideia de que é preciso buscar se aproximar dos alunos, para que eles entendam qual o nosso real papel dentro da sala de aula. Onde mesmo tendo médias de idades próximas das deles, estamos ali nos colocando no papel de professoras, tratando o conhecimento para com eles. E que o nosso sucesso em sala de aula, também depende do empenho deles. Ou seja, se faz necessário a ação de ambos os lados, com o intermédio da professora regente.

No começo foi um pouco complicado para nós enquanto residentes lidar com a liderança em sala de aula. Buscar ter a atenção de uma turma é um desafio, já que seu maior aclave é não ser “dominada”. Foi possível perceber a necessidade que os alunos têm em querer uma “liberdade”, por vezes demasiada.

Um exemplo disso está na saída de classe e uso do celular em momentos inadequados (por parte de alguns alunos, não todos).

Durante as observações na etapa II do programa, pudemos constatar o costume que os alunos tinham de só realizar as atividades propostas com a ajuda da professora (mesmo sendo exercícios simples), o que acabava “facilitando momentaneamente” a proatividade dos mesmos. E até entendemos o fato. Uma vez que se torna complicado mediar atividades de níveis mais elevados e os alunos não conseguem compreender o grau que se passa, além de não realizarem as atividades. Porém, não sabemos se felizmente ou infelizmente, o papel do professor é insistir no que parece irremediável. Logo, é aqui que vemos a importância do Programa de Residência.

Assim, quando iniciamos nossas regências, temos como papel preparar as aulas, as atividades e aplicar as avaliações, conforme a etapa III. A professora auxilia os alunos na resolução das mesmas. Por falta de interesse, muitas vezes os alunos nem tentam responder, esperando apenas a ajuda da professora. Sendo assim esse “comodismo” em relação a aprendizagem se habitua no cotidiano dos alunos como uma problemática. É então em cima dessas situações que as regências propostas no Programa da Residência buscam trabalhar. A fim de quebrar a rotina costumeira que os alunos se situam, buscando torná-los autônomos em suas visões e opiniões.

Nesta perspectiva, em grande parte das regências já realizadas pelos residentes no 3º ano, ao buscar abrir discussão com a turma que é pouco interativa, é possível perceber que para o nível de classe que se encontram, os alunos demonstram demasiada dificuldade em se ater ao conhecimento. Seja por dispersão pessoal, problemas em casa, na rua, falta de apoio da escola

ou outros motivos. É inquietante quando paramos para perguntar: “você já ouviram falar sobre determinado assunto?” e não obtemos respostas, como se nunca tivessem visto nada do que é falado ou retratado.

Neste contexto, até as atividades repassadas para serem escritas e discutidas no papel, são de poucas palavras e as vezes fora da realidade. Logo, temos o reflexo da dificuldade de aprendizagem dos alunos e a falha integração ao conhecimento. E podemos imaginar que não é um problema que surge apenas naquele local/escola. É um processo social, que advém de problemas sociais da rua ou de casa que causam desinteresse nos alunos. Além da falta de incentivo do governo e a necessidade de os professores serem mais interativos entre si e com os alunos, a fim de surtir efeitos no nível de aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dessa forma, está sendo bastante construtivo para nossa carreira acadêmica e futuramente profissional vivenciar a experiência do Programa da Residência Pedagógica, pois estamos adquirindo conhecimentos sobre a prática didática em sala de aula.

Contudo, percebe-se que há muitos obstáculos inseridos no contexto da escola como já foi retratado anteriormente, tais como: problemas sociais de violência, baixa participação familiar, déficit no índice de aprendizagem, pouca integração dos alunos nas aulas propostas, dentre outros.

Além disso há a falta de projetos sociais que busquem a integração escola-sociedade, principalmente em um bairro como o que a concedente se localiza, onde projetos realizados poderiam ser de grande contribuição tanto para a vivência no ambiente escolar dos alunos, assim como para o ambiente doméstico.

Pois as circunstâncias dos problemas que os alunos acabam levando a escola (seja de casa ou da rua), se aliam ao cotidiano enfadonho que parte dos professores de escola pública têm, que também desmotivados terminam não formulando ferramentas que contribuam para o minoramento das problemáticas vividas.

Por tudo isso é importante que nós, residentes, sejamos presentes e ativos na experiência dentro da escola, para que possamos observar e trabalhar no desenvolvimento desses educandos na sua formação escolar. Assim sendo, demos início ao projeto de argumentação em sala de aula de Geografia, no intuito de fazê-los aprimorar sua habilidade na leitura e pensamento

existencial do lugar em que vive, para conseqüentemente, formá-los cidadãos mais críticos. Como foi o exemplo da atividade de colagem desenvolvida em classe, que gerou discussão e interação entre os alunos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. *PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias.* Brasília: MEC/Semtec, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança.* 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. p. 30-31.

KANT apud SOARES FILHO, E. V. M. *Como pensam os humanos – frases célebres.* São Paulo: Leud, 2016.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. *Por que planejar? Como planejar?* 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Marlene Macário de. A Geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. *Revista Discente Expressões Geográficas.* Florianópolis, n. 02, p. 10-24, 2006. Disponível em: <[http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed02/artigo\\_01.pdf](http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed02/artigo_01.pdf)> Acesso em: 18/05/2018.